

nossa casa

Angelo Bucci e Eugênio Bucci

2013

publicado em
Jornal de Orândia

1.

(Olhando a cidade do alto, do avião, do tempo em que nos dizemos adultos.)

Dona Mary Garcia Leal Bucci dormiu a vida toda no quarto em que nasceu. Morreu aos 73 anos de idade, em 27 de abril de 2007, num hospital em São Paulo, de onde voltou de carro para a sua terra natal. Foi enterrada no cemitério de Orândia-SP, num túmulo que fica a mais ou menos cinquenta metros da sepultura de sua mãe, a nossa Vovó Lili.

Em Orândia, os laços familiares e as vizinhanças se estendem naturalmente da vida para a morte. Muitos dos que eram vizinhos na Avenida 2, onde fica até hoje a casa de nossa mãe, são agora vizinhos de jazigo. O traçado de linhas perpendiculares que distribui as avenidas (sentido norte—sul) e as ruas (sentido leste—oeste) no mapa um tanto novaiorquino da nossa cidade se reproduz na cartografia do cemitério. O zoneamento dos vivos se assemelha ao dos mortos. O tempo passa devagar. A distância entre quem vive e quem já não vive é de poucas quadras.

Não que o progresso não exista por ali; ele existe, para o bem e para o mal, mas é lento como um cortejo fúnebre, como a biografia das pessoas que (quase) nunca saem do lugar.

2.

(Agora, olhando a cidade como nós a descobrimos, ainda crianças.)

A cidade da nossa infância começava na nossa casa. Os primeiros habitantes eram nossos pais e irmãos. Duas portas ligavam a casa com o resto do mundo: a porta do quintal e o portão da rua. O quintal não cabia na casa: piso de tijolo, chão de terra, muro torto, jabuticabeiras, laranjeira e limoeiro; mangueira d'água, passarinhos, cachorro, galinha e formigueiro. O quintal se estendia feito uma floresta, tanto que nossa mãe não hesitava em chamá-lo de pomar. O quintal subia conosco quando a gente trepava nas árvores. Estranho, mas o telhado que cobre a casa era parte do quintal, um quintal alto e sem árvores, perfeito pra soltar pipas e olhar o céu. A casa eram os adultos – o quintal eram os meninos. A casa dentro – o quintal, fora. A casa era dia, o quintal, noite, embora a gente passasse as noites em casa e os dias no quintal. A casa era regra, o quintal, não.

A portão da rua marcava o início do mundo exterior, bem ali na Avenida 2, número 553. A rua também era regradada: começava com números.

3.

(Tentando refletir, entender.)

Regras, ordem. Para entender a conformação da nossa casa, é preciso ter antes em mente a cidade que a emoldurava e ainda hoje lá está, a emoldurá-la. Orândia era uma cidade quadriculada em quarteirões de oitenta metros por cem, com suas avenidas e ruas, todas elas de mão dupla. O calçamento dos logradouros

em paralelepípedo foi recoberto pelo o asfalto que cobriu tudo nos anos 60.

Naquela época, de qualquer ponto em que estivessem, os orlandinos avistavam as cercas de arame farpado que separavam a zona urbana da zona rural. Na nossa memória, Orlândia era um mosaico de 200, 250 quarteirões, cercados de fazendas por todos os lados. Caminhávamos por qualquer calçada e logo alcançávamos o fim: uma cerca, um córrego, um pasto, a linha do trem, a estrada ou simplesmente o mato.

Na nossa infância, fora de casa, todas as esquinas eram ângulos retos. Nada era oblíquo, transversal ou inclinado. Os caminhos da humanidade eram perfeitos e retilíneos.

4.

(Interiores no interior.)

Éramos quatro irmãos, além do pai e da mãe, para um banheiro só. A porta do banheiro dava para a copa, onde tomávamos o café da manhã, almoçávamos, jantávamos todos os dias e, às vezes, fazíamos a lição de casa. A fila para o banho ladeava a mesa de refeições. Também na copa foi instalada a primeira televisão da nossa infância. Telefunken.

A copa – tendo a cozinha por adjacência e adjunção – e o banheiro eram o centro da nossa vida, com seu chão frio, de ladrilhos em vermelho e preto. A sala de visitas, com janelas altas voltadas para a avenida dois, para o nascente, passava semanas inteiras sem visitas. Espaçosa, com sofá, poltronas e espelho em cima da pedra mármore, tinha um assoalho lustroso de taboas corridas, que rangiam num tom grave sob os passantes. Embaixo, um porão raso que foi soterrado quando, numa reforma, as velhas taboas foram substituídas pelo taco com sinteco.

Os quartos, circundando o núcleo copa-banheiro, completavam a rotina doméstica. Em toda parte o pé direito ia alto. Não fazia calor dentro de casa. Para limpar o forro, era necessário um vasculho de quatro metros.

5.

(Tempo.)

A cidade da nossa infância terminava logo, e a infância seguia além dela, como se nenhuma terra tivesse dono ou fazendeiro. Então começava uma espécie de quintal grande: canavial, mangueiras no meio do pasto, mato, cachoeira, caminhadas; enxame de abelhas, picada de cobra, açude, estilingue e rolinha, visgo e coleirinha, rio, jirau e lambaris. Linha de trem velha, linha nova, pontilhão, bicicleta e rodovia, então mesmo sem automóvel se chegava a Sales, Nuporanga, Batatais, São Joaquim e Morro Agudo.

Naquele tempo, São Paulo era outro mundo.

Angelo Bucci, arquiteto, e Eugênio Bucci, jornalista, são professores da USP e irmãos.